

EMPATIA, ÉTICA, SOLIDARIEDADE

2ª feira: 10/Novembro/2003

Bom dia ouvinte do caderno Manhã da rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Outro dia, ouvi uma história que me chamou atenção, e que faz a gente pensar. A mãe de uma menininha de 2 anos e meio me contou que, enquanto ela estava trabalhando em casa, a garotinha assistia a um filme infantil na televisão. De repente ela ouviu um choro muito sentido e correu pra ver o que tinha acontecido. A menina chorava e quando a mãe perguntou o que tinha acontecido, ela respondeu: _ "o ratinho, coitado, ele perdeu a mamãe dele e é muito triste não ter mãe".

Veja só, ouvinte, essa menininha já sabe se colocar no lugar do outro. Vendo o ratinho sofrer, ela reconhece a dor dele, ela sabe como é se sentir desamparado, aí ela sofre também. Se diz que ela se identifica com o ratinho. E quando ela se coloca no lugar dele e compreende aquele sofrimento, isso é empatia, que é uma dos sentimentos mais importantes que um ser humano pode ter por outro ser humano porque é a base pra convivência. E veja que a base desse sentimento já está presente numa criança tão pequena, portanto os pequenos não são absolutamente seres indiferentes como algumas pessoas pensam.

Se nós somos capazes de sofrer quando compreendemos que alguém próximo de nós sofre, ou se somos capazes de nos alegrarmos com a felicidade do outro, então já somos capazes de compartilhar, e isso é o contrário da indiferença pelo outro.

No mesmo terreno da empatia, tem a ética. Tanto ética como empatia tem a ver com o reconhecimento do lugar do outro. A empatia é a possibilidade de nos colocarmos no lugar do outro, e compreendermos uma situação a partir da ótica daquele outro. A ética é basicamente o reconhecimento do lugar da outra pessoa. Os limites são estabelecidos no convívio pessoal e social, e a gente vai incorporando. Assim, ninguém precisa ler na porta de uma loja que é proibido roubar, a gente aprende isso ao longo do nosso crescimento. Aprendemos que não vamos invadir locais onde não somos autorizados a entrar, e por aí vai uma série de regras sociais, que vão mantendo os limites que cada um ocupa. Essas regras nós internalizamos ao longo do nosso crescimento e educação, e que são anteriores ao cumprimento da Lei. Quer dizer, não precisamos roubar, sermos presos, punidos para sabermos que não podemos roubar. Nem é preciso que a lei se cumpra.

Vamos aprendendo isso principalmente no convívio familiar. Pra isso, são indispensáveis sensibilidade e respeito entre os membros da família. Aquela menina que chora porque o ratinho

perdeu a mãe, tem dentro de si o sentimento de bem-estar de ter sua mãe, de ser olhada, amparada, amada, e em algum momento já sentiu medo de perder isso. É a partir da sua vivência que ela pode deduzir o sofrimento do ratinho.

Ética e empatia são a base pra um convívio melhor entre os humanos, e isso se começa aprendendo na nossa casa, na nossa família.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro escutar e pensar do caderno manhã da Rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou sugestão telefone pra 2252-8413, central de atendimento da rádio MEC.

3ª feira: 11/ Novembro/ 2003

Bom dia ouvinte do caderno Manhã da rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Hoje em dia as informações nos chegam com uma rapidez inacreditável. O que acontece em qualquer parte do mundo, nós ficamos sabendo logo e, por mais distante que esteja, nos afeta, nos comove e às vezes até nos revolta. Surgem sentimentos que nos fazem solidários. E a gente fala tanto sobre a importância da solidariedade... Afinal, o que é solidariedade? Qual é a matriz desse sentimento?

Todos nós, desde pequenos, conhecemos a palavra simpatia. Mesmo que a gente não saiba como definir, sabemos bem quando alguém nos é simpático, ou ao contrário. Veja como desde bebê começamos a discriminar o agradável do desagradável, alguém com quem gostamos de ficar ou não. Todo mundo já viu como um bebê pode chorar forte quando ele é retirado do colo da mãe pro colo de outra pessoa. Isso quer dizer que ele já sabe que prefere estar com a mãe. Depois, com o crescimento, temos a possibilidades de ampliar as opções, e aí o prazer que a gente sentia na companhia da mãe vai sendo inserindo no contato com os outros.

Então, prazer e desprazer fazem parte do nosso mundo desde muito cedo. Preferimos a avó à tia, preferimos um coleguinha ao outro, uma professora à outra, e mais tarde a gente adquire uma capacidade plena de dizer com alguma segurança de quem gostamos e de quem não gostamos de estar.

Simpatia é algo individual. Alguém ou algo que nos pareça simpático pode não causar a mesma impressão a uma outra pessoa. Mesmo se essa outra pessoa é muito próxima de nós. Isso acontece porque a simpatia tem a ver com o mundo de dentro, com a história de cada um, com as emoções de cada um. Pra que eu tenha simpatia por alguém é preciso que essa pessoa tenha alguma coisa que mexa de forma agradável com meu mundo interno, com minhas vivências.

Mas a questão inicial foi solidariedade, o que a solidariedade tem a ver com isso?

A solidariedade é uma experiência um pouco mais complexa, porque vem junto com um gesto efetivo em direção à alguém ou a alguma situação. Vai além da simpatia. A solidariedade inclui uma interferência, uma tentativa de resolver ou diminuir o sofrimento de alguém com quem nos identificamos.

Portanto, ser solidário é uma experiência que engloba o sentimento de empatia, que é a capacidade que temos de nos colocarmos no lugar do outro e compreendermos o que o outro está sentindo.

Transitamos num mundo cada vez maior. Saímos do raio da nossa família e dos nossos amigos e nos envolvemos, nos sensibilizamos em muitos dramas que não nos dizem respeito diretamente, mas que nos tocam porque somos seres empáticos, solidários, éticos, e antes de tudo humanos.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro escutar e pensar do caderno manhã da Rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou sugestão telefone pra 2252-8413, central de atendimento da rádio MEC.

4ª feira: 12/ Novembro/ 2003

Bom dia ouvinte do caderno Manhã da rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

De uns tempos pra cá temos ouvido com muita frequência duas palavras, solidariedade e ética. Elas não estão atreladas numa mesma história todo tempo, mas a verdade é que uma é irmã da outra.

A ética, a princípio, deveria sempre passar meio despercebida, porque ela é somente pra ser observada, apreendida, exercitada e exercida, amplamente. É mais ou menos como o comportamento educado, que deve ser uma coisa natural.

Veja que coisa curiosa: não encontramos em lugar nenhum, da nossa vida cotidiana, nenhuma placa com a inscrição "é proibido matar". Ainda bem. Mas em todas as praças que têm grama, está lá a placa "é proibido pisar na grama". A rigor, esse aviso não deveria ser necessário porque se há um caminho bem ao lado, próprio pra circulação, ninguém precisa pensar em andar sobre a grama. Será que burlar as normas é sempre uma tentação?

Ensinamos a nossos filhos desde cedo que eles não devem matar as plantinhas, porque elas são vivas; que não se deve machucar os animais, porque eles sentem; que não devem sair batendo nos coleguinhas, que é melhor aprender a dialogar. Ensinamos que é

bom obedecer aos pais, aos professores, que se deve respeitar os mais velhos, etc. Esses são os princípios da ética quando se é criança. Quando crescemos, aprendemos por ex., que quando se dirige um carro não se pode ultrapassar sinais vermelhos, porque há risco de trombadas, risco de nos machucarmos ou aos outros, ou mesmo matarmos ou morreremos. Não existem cartazes avisando não avance quando o sinal estiver vermelho, não precisamos disso, porque internalizamos essa regra como um código social. Isso é ética, e como disse há pouco, o fato de não estar escrita em cada esquina é sinal que os indivíduos já aprenderam sobre ela e que reconhecem sua importância. Isso quer dizer que a ética está viva e ativa nas nossas vidas.

Mas temos lidado muito com as transgressões. Mata-se muito por aí, rouba-se muito por aí, de tal forma que muitas vezes se diz que banalizamos a vida e as relações. É como se a gente não estivesse mais discriminando o sinal verde do vermelho.

O que será que aconteceu? Será que a herança ética foi mal recebida, não foi incorporada devidamente?

Vamos pensar um pouco. Se alguém avança o sinal e produz vítimas isso pode chegar aos jornais, mas o contrário não. Obedecer aos sinais não é notícia. É verdade que a incidência de quem chega aos jornais por causa de transgressão à ética é cada vez maior. Porém, maior ainda é a quantidade de gente que respeita sinais sociais. Nós ficamos assustados com o mundo, com os inúmeros desmandos e transgressões, mas acontece que o gesto ético é mudo, ele não causa alarido, em geral não sai no jornal.

Mas tem muita gente fazendo trabalhos voluntários e solidários, ajudando pessoas necessitadas. Tem muita gente ensinando seus filhos a não destruírem o que é público, a respeitarem os semelhantes. Existe um mundo ético e solidário. Você que opta por não pisar na grama não precisa se sentir um bicho raro. Porque nesse caminho você vai encontrar, com certeza, outras pessoas que vão lhe fazer companhia. No caminho contrário, temos a falta de ética que não promove gestos solidários, e que segue só na contramão de tudo que adotamos quando nos tornamos pessoas.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro escutar e pensar do caderno manhã da Rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou sugestão telefone pra 2252-8413, central de atendimento da rádio MEC.



[Programa de Rádio
"Escutar e Pensar"](#)